

**EPIDEMIAS MULTIESPÉCIES: CRIANDO MUNDOS MAIS QUE HUMANOS COM NARRATIVAS E FABULAÇÕES ESPECULATIVAS****MULTISPECIES EPIDEMICS: CREATING MORE THAN HUMAN WORLDS WITH SPECULATIVE NARRATIVES AND FABULATIONS****EPIDEMIAS MULTIESPECIES: CREANDO MUNDOS MÁS QUE HUMANOS CON NARRATIVAS Y FABULACIONES ESPECULATIVAS**

*Marcos Allan da Silva Linhares<sup>1</sup>, Keyme Gomes Lourenço<sup>2</sup>*

**Resumo**

Cotidianamente, enfrentamos epidemias – algumas silenciosas, que habitam nossos corpos; e outras coletivas, que afetam o mundo em comum. Convivemos com seres epidêmicos no dia a dia: vírus, bactérias, pragas, ervas daninhas, insetos e outros inimagináveis seres que compartilham conosco a experiência de existir. Neste texto, em tom ensaístico e narrativo, abordamos as chamadas epidemias multiespécies, compreendidas como experiências produzidas no contato com seres mais que humanos, capazes de nos deslocar, afetar e, por vezes, transformar. Esses movimentos emergem das nossas vivências em ambientes epidêmicos, e também perpassam leituras, escritas e experimentações desenvolvidas ao longo de nossa formação. As narrativas e fabulações, nesse contexto, operam como uma metodologia sensível de pesquisa, permitindo exercitar a “arte de perceber o mundo” a partir de encontros interespécies. Entende-se, assim, que a existência é sempre composta em rede, por agregados multiespécies que coexistem, interagem e criam mundos possíveis.

**Palavras-chave:** fabulação; criação; narrativas; experimentação; multiespécie.

**Abstract**

Everyday, we face epidemics – some silent, inhabiting our bodies, and others collective, affecting the shared world. We coexist with epidemic beings in our daily lives: viruses, bacteria, pests, weeds, insects, and other unimaginable creatures that share with us the experience of existing. In this text, in an essayistic and narrative tone, we approach what we call multispecies epidemics, understood as experiences born from contact with more-than-human beings capable of displacing, affecting, and transforming us. These movements emerge from our own experiences in epidemic environments, but are also shaped by the readings, writings, and experimentations developed throughout our formation. Narratives and fabulations, in this context, operate as a sensitive research methodology, allowing us to exercise the “art of perceiving the world” through interspecies encounters. Thus, we understand that existence is always composed in networks, by multispecies assemblages that coexist, interact, and create possible worlds.

**Keywords:** fabulation; creation; narratives; experimentation; multispecies.

**Resumen**

Cotidianamente enfrentamos epidemias – algunas silenciosas, que habitan nuestros cuerpos; y otras colectivas, que afectan el mundo compartido. Convivimos con seres epidémicos en la vida diaria: virus, bacterias, plagas, malezas, insectos y otros seres inimaginables que comparten con nosotros la experiencia de existir. En este texto, con tono ensayístico y narrativo, abordamos lo que llamamos epidemias multiespecies, comprendidas como experiencias surgidas del contacto con seres más-que-humanos que nos desplazan, afectan y transforman. Estos movimientos emergen de nuestras vivencias en entornos epidémicos, pero también están atravesados por lecturas, escrituras y experimentaciones desarrolladas a lo largo de nuestra formación. Las narrativas y fabulaciones, en este contexto, operan como una metodología sensible de investigación, permitiendo ejercitar el “arte de percibir el mundo” a través de encuentros interespecie. Así, comprendemos que la existencia siempre se constituye en red, por agregados multiespecies que coexisten, interactúan y crean mundos posibles.

**Palabras clave:** fabulación; creación; narrativas; experimentación; multiespecie.

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: marcosallan.18@gmail.com

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: keymelourenco@gmail.com

## Introdução

Cotidianamente, enfrentamos epidemias. Há as que acontecem em nossos corpos, silenciosas. Há as que irrompem no mundo, coletivas, conjuntas. Vivemos epidemias socialmente. Convivemos com os seres epidêmicos em nosso dia a dia – aqueles que nos fazem companhia e dividem a experiência de habitar neste mundo conosco: os vírus, as bactérias, os seres inimagináveis, as pragas, as ervas daninhas, os insetos, entre outros.

São essas epidemias coletivas, cotidianas, que nos fazem tecer relações e construir novos modos de existência. São elas que nos fazem ter/ser resistência e, a partir delas, construir novas maneiras de viver na terra, nunca sozinhos, mas sempre em companhia, em aliança. Alianças de vida e morte; de reinvenção e criação.

Por vezes, essa proliferação epidêmica nos conduz a criar fins de mundos em nossas imaginações, como se não houvesse corpo, vida, caminhos a seguir, um novo coletivo a se formar, algo a se fazer, “ou, ao menos, há o desejo e o sonho de que exista tudo isso” (Sales, 2024, p. 365). Participamos de vários planos de existência, como se pertencêssemos a diversos mundos. Não existimos isolados ou apenas com aqueles de nossa espécie, mas (co)existimos em realidades plurimodais em um mundo que é “lugar de vários ‘intermundos’, de um emaranhado de planos” (Lapoujade, 2017, p. 15).

Neste texto, ao modo ensaístico e narrativo, desejamos contar dessas epidemias-multiespécies, aquelas que se fazem por meio do contato com os seres mais que humanos, que ora trazem benefícios, ora malefícios, mas que sempre movimento-nos e arremessam-nos a novas experiências, para possibilidades de (sobre)vivência em um mundo em metamorfose.

Para isso, a partir de movimentos de criação e experimentação, fomos forrageando e tecendo fabulações, narrativas e vivências, enquanto escrevíamos e anotávamos palavras que eram reveladas por estar em contato com outros seres humanos ou mais que humanos, seres epidêmicos, companheiros, aqueles que convivem conosco em silêncio, que andam junto, que se manifestam na escrita, nos sonhos, nas festas, que infestam e depositam em nós a semente da inconstância.

Esses movimentos foram possíveis a partir de nossas próprias vivências em situações e ambientes epidêmicos, em conjunto com as leituras, as escritas e as experimentações tecidas ao longo de nossa formação e fazer docente, os quais realizamos em grupos de criação e pesquisa. Esses disparadores tinham como vontade incentivar a escrita inventiva, tanto em tom narrativo ligado à ficção quanto num tom especulativo; no último caso, as narrativas foram contaminadas pelo pensamento de Donna Haraway (2023).

Nesse momento de criação, esta foi a aposta e aliança teórica para falar com as epidemias-multiespécies. Para a zoóloga e filósofa, a Fabulação Especulativa, assim como as demais Science Fiction (SF)<sup>3</sup> são práticas vitais tanto na escrita acadêmica, quanto na vida corriqueira. Quem não fabula? As narrativas que experimentamos aqui são inspiradas nas

<sup>3</sup> Traduzido, o termo significa ficção especulativa, feminismo situados, figuras de corda e filosofias especulativas.

práticas cotidianas de contar histórias (Haraway, 2023), são os contos que perturbam os modos de produção de conhecimento coloniais e instituídos.

Dessa forma, busca-se maximizar as fricções das narrativas com as experiências, a fim de imaginar mundos possíveis para processos de transformação. Narrativas fabulativas especulam o lúdico e fazem-nos pensar no possível do real. Quando falamos, quem fala conosco? Há alguém que não fala? Narrar coletivamente é vaguear junto com toda a vida que nos circunda, com todas as espécies companheiras em aliança com a fabulação e a narração. Fazer os personagens virarem sujeitos na narrativa. Narrar fabulações. Fabular narrações. Criar fabulações, fabular criações com os seres-menores. Contos-sementes, contos-frutos, contos-vírus, contos-esporos, contos-pragas, contos-multiespécies, contos-incontáveis.

Afinal, o que é a vida, senão esse cosmo em movimento que mistura histórias, vidas, seres humanos e mais que humanos em uma constante vontade de falar, contar, fabular, ouvir e ser ouvido? A rede multiespécie, proposta pela antropóloga norte-americana Anna Tsing (2019), oferece uma perspectiva para compreender as relações sociais que se tecem entre humanos e não humanos. No fluxo do viver e do existir, as espécies dependem umas das outras, cocriam e compartilham a Terra em coexistência contínua. Para Tsing, é tempo de narrar as histórias dessas redes, dar voz às paisagens que emergem da fricção e do encontro entre diferentes formas de vida. Deixe-se atravessar pelo meio. Sinta o meio... Quem são esses seres? O que eles criam? Que mundos produzem? O que maquinamos a partir deles e com eles? Como com-vivemos com eles? Como viver de outras maneiras?

Percebendo as possibilidades multiespécies, mergulhamos nas experiências que envolvem todos os tipos de seres, humanos e mais que humanos. Pensar nesse rizoma, que acontece em camadas, nas quais são depositadas histórias na entrada e saída de seres num mesmo conjunto, leva-nos a um questionar e a um pensar epidêmico, que contamina, perturba e faz mundos: como podemos combinar os encontros multiespécies às narrativas e especulações fabulativas de modo que as diferenças e as multiplicidades, essenciais nesses encontros, permaneçam à vista? Que antropoceno é virtualizado pelas narrativas experimentativas?

Tsing (2019) nos conduz à compreensão de que as existências constituem-se por meio da composição de agregados multiespécies. É a partir das co-elaborações multiespécies que emergem modos de vida diversos, derramam multiplicidades, condições outras para a habitabilidade e a sobrevivência nas ruínas do antropoceno. As narrativas e fabulações, nesse sentido, propõem-se como uma abordagem metodológica para a pesquisa da “arte de perceber o mundo”.

Por isso, a seguir, as narrativas e fabulações contam um pouco do que ressoa em nossos corpos e em como entendemos o mundo enquanto uma construção multiespecífica, a qual se faz e refaz constantemente. Não é nosso interesse explicar ou justificar a escolha e o caminho narrativo criado, mas movimentar o pensamento, convocando as fabulações para que dancem conosco outras sintonias de sentir e de fazer o mundo. Entre o real e o imaginário, tecemos outras formas de contar a nossa experiência nesta Terra/terra, e despontam em constantes epidemias, pandemias e endemias multiespécies.

## Infestações-companheiras

Ao pesquisar no dicionário o termo “epidemia”, deparamo-nos com algumas definições curiosas: “manifestação coletiva”, “rapidamente se espalha”, “território que depois se extingue por um período”, entre outros. Depois disso, refletimos acerca de nossas próprias epidemias, aquelas que existem, resistem e continuamente se extinguem por um período, e depois voltam mais fortes e presentes. Aquelas epidemias extracorpóreas, que habitam as sensibilidades da pele, fazem os pensamentos viajarem para outros lugares sem o corpo se movimentar um centímetro.

Epidemias subjetivas. Nossas. As quais acontecem sem aviso prévio. Aquelas que, incansavelmente, existem em nós e nunca deixam de usar o nosso corpo como morada. Afirma-se que nosso organismo possui milhares de seres-companheiros que (com)partilham a vida conosco. Indivíduos invisíveis, astutos, à espreita, preparados para nos causar as mais variadas sensações, como enjoo, dor, alucinações, excitação, medo, calor, frio...

São as espécies companheiras, como diz Donna Haraway (2021), que (com)vivem nesse nó de mundo em movimento conosco, que se relacionam e interagem por meio de múltiplos contatos, que nos produzem, ao mesmo tempo em que também as produzimos. As espécies companheiras, humanas e mais que humanas, envolvem relações, marcas de tempo que superam as imaginações, que desejam contar histórias de coabitação neste mundo em transformação.

As espécies-companheiras podem ser as plantas, os fungos, os parasitas, os insetos, os cachorros e os gatos, mas, aqui, o desejo é contar outros parceiros que também participam desta jornada de vida coletiva, organismos-parceiros que não aparecem nos laudos e nos prontuários médicos, mas estão presentes em nossos corpos desde muito tempo. Por que não falar de outras epidemias que nos infestam e são propulsoras de criação? Falar das infestações de borboletas no estômago que causam o frio na barriga, que antecedem uma explosão de sentimentos, atravessamentos, que trazem a incerteza do acontecimento, mas, logo após, o alívio daquilo que é o viver e o sentir. Ou, quem sabe, falar das pulgas que ficam atrás das orelhas, aquelas que carregam o veneno da dúvida, do pensamento, que injetam em nós a busca por algo que ainda não conhecemos, o desconhecido da vida, o porvir, devir. A pulga, que é praga, que foge do desejo de se manter sempre em lugares comuns e se esconde atrás da orelha, sorrateira, aparecendo quando menos se espera e causando as mais variadas torções no pensamento.

Borboletas, pulgas, criaturas mínimas – e, ainda assim, tão vastas em presença que nos ocupam mesmo quando parecem não existir. Constituem um devir-menor, imperceptível, silencioso, “são atos que só podem estar contidos em uma vida” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 2). Constroem tocas, se espalham e infestam – em FESTA - nossos corpos com o desejo de desestabilizar a hierarquia dos nossos órgãos, a ordem dos nossos pensamentos. Percorrem como o sangue os lugares mais ínfimos do nosso ser, ousando fazer experimentos, costurar em nós outros atravessamentos para além dos (bio)lógicos.

O que seria de nós sem as borboletas no estômago e as pulgas atrás das orelhas? O que seríamos sem esses seres que nos causam a experiência do indomável, do novo? Eles vivem nos

DOI: 10.46667/renbio.v19in1.1961

mostrando a constante magia das miudezas, daquilo que nos atravessa e que deixa em nós brechas para que possamos ter coragem de viver, por nós mesmos, as nossas experiências.

Mas, fomos ensinados a não cultivar epidemias, a medicalizar e controlar tudo aquilo que não é conhecido, catalogado. Fomos ensinados a cultivar certezas e a descartar a experiência de viver o desconhecido. Manoel de Barros, na contramão, nos ensinava a não desprezar o “desprezível”, a enxergar o espetáculo que essas vidas causam em nossas vidas, a sentir a conexão que esses seres têm a nos proporcionar.

As borboletas e as pulgas nos ensinam a autenticidade, a encontrarmos passagem para as experiências que desejam passear em nossos corpos, resistindo às formas de extinção e ocultamento. São resistência. Racham nossas estruturas anatômicas, psíquicas, sociais fragmentando-se no tempo e, rapidamente, mostrando a potência das forças-menores que nos compõem. É composição. Mistura. Evidencia os encontros que, por vezes, não desejamos ter. Encontros que fazem acontecer em nós milhares de outras experiências. É manifestação coletiva, territorialização para o acaso, caos, descaso. O encontro com as miudezas é a propulsão da criação, in-FESTA-ação. FESTA. Epidemia sem vacina. Experimentação.

### *Infestações*

Era uma manhã comum na sala de aula. A aula era de Biologia. O professor falava dos bichos e das plantas que ocupavam a Amazônia brasileira. Dentro de mim, uma festa em movimento. Os animais dos livros pareciam circular em meu estômago. Logo, seria minha vez de falar e dizer as coisas que tinha lido nos manuais de classificação. Dizem que são as borboletas no estômago alertando para a novidade que ia chegar. Se fossem, deviam estar voando próximas ao esôfago, roubando um pouco de ar dos meus pulmões. Desciam e subiam, realizando um movimento novo, diferente daquele feito pelo meu coração. Desestabilizavam o movimento dos meus órgãos. Iam contra toda e qualquer ordem (bio)lógica do meu corpo humano. Levantei-me. Na frente, comecei a explicar a ordem, a classe e as espécies de insetos do bioma em que estávamos. Aqui dentro eram seres sem explicação, sem nomeações. Não tinham manuais ou catálogos de classificação. Não tinham hora certa para chegar, muito menos estudos que falavam sobre sua existência nessa vida. Simplesmente ocupavam nossos corpos, coabitavam essa casca de pele com as nossas “consciências”, modos de vida. O que iam fazer depois? Não se sabe. Mas, por enquanto, ainda seguiam aqui, causando festas. Manifestações. Infestações. Ninguém saiu ferido. Infestações de novidades. Ninguém previu.

### *Imprestáveis*

Para que servem as pragas? Para a morte. São imprestáveis companheiros. Sempre nos fazem companhia. Na cabeça, na pele, nos pés. Para que servem as pragas? Para o arranque. Para o desprezo. Para se jogar no chão e pisar. Não servem para nada? A pulga subiu, fez morada atrás da orelha. Queria tecer ideias, construir pensamentos. O que pensar com uma praga-pulga-imprestável? A sonhar. Construir novas relações com os mais que humanos. O

DOI: 10.46667/renbio.v19in1.1961

imprestável nos faz olhar para o chão, para o morto, para criar com ela novas formas de existir nesse mundo. Existência-pulga. Propulsora de criação. A pulga. O menor. Na fresta do corpo. A pulga, que é pensamento-criação-ideia. Pulga atrás da orelha é movimentação. É sair do lugar de conforto para criar outros problemas, pensar em novas perguntas. É inquietude. Faz o corpo pensar pela pele, pela dor, pela dúvida, ao invés de pensar pelo cérebro, pela rapidez, pela resposta. Existe entre os espaços dominados pela biologia e pela antropologia. Preenche o vazio. Pulga atrás de orelha é epidemia de transbordamento.

### Narrar paisagens infestadas

Agora, as narrativas espriam-se pelo chão, pelas construções, pelas árvores que fazem sombra. As epidemias-multiespécies não acontecem apenas em corpos individuais; elas desenham paisagens, reorganizam territórios, redesenham quem pode habitar um pedaço de gramado, quem é cortado, coberto ou deslocado. A pandemia de Covid-19 intensificou esses arranjos, fez com que brotasse hospitais de campanha, sirenes, lonas e fluxos de gente em lugares onde antes havia apenas o cotidiano de convivências silenciosas entre humanos e mais que humanos.

É nesse cenário que resolvemos ficar com os problemas, com as ruínas que a pandemia produz. Contar a história a partir de uma árvore é uma estratégia de fabular com uma espécie-companheira, deixando que ela narre os seus encontros. Donna Haraway (2021) encoraja-nos a escutar essas vozes. A árvore, aqui, não é metáfora, mas personagem multiespécie que pensa, sente e vive junto com toda a vida que a compõe, fazendo ver as paisagens das infestações como encontros.

Algumas infestações trazem/fazem ruínas em que diferentes existências encontram-se, apoiam-se e arruinam-se mutuamente. O despercebido são vidas aparentemente secundárias, mas que sustentam modos de estar-junto e de aprender a viver nas bordas do desastre. A narrativa que se desenrola é uma tentativa de alargar a ideia de epidemia para além do vírus, experimentando, por meio da fabulação, com os emaranhados de corpos, infraestruturas e memórias. Essa fabulação especulativa dá voz a um ser vegetal companheiro, evidenciando as alianças e tensões do entre.

Ao invés de narrar apenas o ponto de vista humano, a fabulação especulativa de Haraway (2023), potencializada pelas leituras de Tsing (2023), convoca, nas narrativas, outros seres a contarem suas versões da história, rearranjando quem fala e quem pensa. O antropoceno é também o *campus* no qual as relações se *recosturam* de modos precários, provisórios, improváveis. A escrita não é um “exemplo ilustrativo” das teorias mobilizadas, mas matéria de pensamento. A escrita não surge para consolar, mas para fazer sentir.

*Árvore de campanha*

Hoje, ao amanhecer, como em todo raiar, ericei meus limbos verdes, ajustei-me, junto ao sol, com todas minhas folhas, movimentei cada galho para que o orvalho rolasse e pudesse senti-lo no solo, *cocegando* minhas raízes, após sonharem toda a noite na ponta dos galhos, com a chuva. Derrubei toda folha seca e amarela que pintavam meus verdes, lustrei meu tronco, criei novos botões de flores e abri aqueles que foram criados ontem. É assim, para mim, toda manhã. O ritual de espera daquela moça que sempre acomoda suas vértebras entre os vãos das cascas de meu tronco.

Ela se senta por aqui há anos. Nunca falou comigo, nem eu nunca com ela. Talvez ela seja daquelas pessoas que não acreditam que árvores possam falar, mas só a presença dela aqui já é o suficiente. Ah, se ela soubesse que é para ela que atraio abelhas, besouros e borboletas! É para ela que gotejo o orvalho que afofa a grama. Que sou a casa das aves que ela mais gosta. Que quando ela olha para cima, me deixa entrever suas formas entre galhos. Já estou aqui enraizada há muito tempo e, em meu todo sempre, essa moça vinha sentar-se aqui. Eu cresci justamente onde ela mais gostava de ficar? Pergunto-me sempre. Quanto mais quente o sol, mais ao solo o corpo da moça se aproximava, mais em mim se derretia. E a tarde partia, sem nunca nem olhar para trás, sem se despedir, sem descaminhar. E eu, conforme entardecia, fechava meus estômatos, os botões eram renovados, fazia no chão tapete com flores que já não me serviam mais. Esperava o próximo chegar do sol, para novamente ter a companhia todo o dia de alguém que, quanto menos dela sabia, mais e mais a conhecia.

Amanheceu novamente e, ao acordar, todo o ritual pronto estava para recomeçar. O ar estava como de costume. Minhas folhas e flores estavam sendo acordadas para brilhar para todos que por ali passavam, e, principalmente, para a moça que ocupava, aos pés do meu tronco, seu espaço. Inquieta fiquei quando o sol começou a desidratar meus estames, e a moça ainda não havia aparecido. Onde mais poderia se esconder e se abrigar que não embaixo de minhas copas? Estranho mais ainda ficou quando percebi que não havia passado por ali ninguém, durante todo o dia. O chão engramado era ocupado pela moça, mas, milhares de passos passeavam e transitavam pelos arredores. Silêncio. Inópito.

Não conhecia uma realidade que não a de *companhar* a moça, de atrair para elas os pássaros de cantos mais lindos, de expulsar e urticar aqueles pássaros de cantos desafinados, para que soe de mim apenas música a contaminar seus ouvidos. Meus botões fechavam com o pôr do sol, sem serem ao menos contemplados, cada folha recolhia-se para fazer cama para o orvalho. E eu só pensava no próximo surgir do sol, esperando pelas pessoas, pelo passar e pela moça.

Outro dia caminha, toda rotina vem à tona novamente, e, de repente, ouço passos que caminham com o crescer da luz do sol sobre o chão tomado pela grama. Era, em pé, um ser todo branco, dos pés à cabeça coberto. Deve estar protegendo-se do sol, pensei. Arqueei minha copa e engrandeci minha sombra que agora ocupava todo o espaço no qual o sol batia. Os passos se aproximam, que diferente, pensava. Ainda ontem ninguém por aqui passava, e agora, mesmo que ainda deserto, vem esse ser, de branco, coberto, sem suas intenções explicar. Passou

DOI: 10.46667/renbio.v19in1.1961

corrido, em outro sentido, fugindo do perfume de minhas flores, do fresco da sombra, em rumo quente do sol. Entrou num quadrado de pedras empilhadas e, depois de meio queimado de sol, retorna carregando um tronco verde, cortado, num carrinho enferrujado, grunhindo baixinho entre caminhadas: – você vai respirar, ar, respirar...

Pensei que fosse oração, porque conforme repetia as palavras baixinho, o que se era ouvido também, era um bater firme do coração. Que tronco era aquele, verde, parecendo um cilindro, que carregava a pessoa citando o ar. Eu tenho ar que ecoa de minhas folhas, pensei, será que por isso meu fim é tornar-me um tronco verde cortado? Os passos foram se afastando, o silêncio, interrompido pelo ranger da lataria do carrinho, volta a pairar pelo vergel. Mais um dia sem a presença da moça que por ali rondava, sem pessoas, só estranhos cheios de panos passando.

Anoitece, e nenhum pássaro com ninho em meus braços conseguiu dormir, sirenes transitavam de um lado ao outro do lado do muro que me separava do caminho de pedra e pixo. Tive insônia, dormia e acordava durante toda noite. Pensava em como estaria ao chegar do sol, em como iniciaria minha rotina sem a energia de uma noite dormida.

O sol chegou e, com ele, várias pessoas também. Dessa vez, vestidos com roupas normais, porém os rostos ainda estavam cobertos. Como conseguem respirar com isso sobre as narinas? Pensei. E, de repente, enquanto acordava o orvalho para que ele se derramasse em gotas sobre o chão, as pessoas começaram a se aproximar de mim. Não era a moça que esperava, porém, sempre recebo bem as visitas. Ergui meus galhos buscando oferecer a melhor sombra que já experimentaram, despreguei as flores antigas, para fazer chuva com suas pétalas, convidei canarinhos e sargentos para começarem a cantarem suas melodias.

Há alguns dias não recebia visitas e, ao se aproximarem, de punho e ferramentas, começaram, ao meu redor, esticar cordas, medir o chão, e fincar estacas. As gramas gritavam a cada rizoma quebrado pelo perfurar do chão, e eu ali... sem muito entender, porém de copas erguidas. O silêncio foi tomado por martelos, serrotes e trenas, e em meu entorno todo o espaço se modificava. Arrancavam arbustos, reviravam a terra, esticavam-se cabos cinzentos entre um revirar e outro das pedras no lugar. Uma lona branca chegou no lugar encobrendo todo o chão. Foi se esticando, esticando, até que nenhum verde de grama atravessava o branco do plástico. Cobertura total. Branco de plástico como aquele que passara há alguns dias encobrendo todo o corpo da pessoa que quebrava o silêncio e o vazio que tinha ficado, de uma hora para outra, este lugar.

Enquanto observava todo o espaço sendo tomado, senti a ponta de meus galhos reverberar um tremor que sacudia as folhas, despregando da ponta as mais amarelas e frágeis. Todo o tronco em instantes tremia. Senti como se estivesse perdendo contato com minhas raízes, com a terra, com a grama, com os fungos, com a moça que ali se sentava, conforme tremia, ia me esquecendo de cada pássaro que ali pousou, de cada orvalho que em mim dormiu, de cada bicho que em mim abrigou... ia me esquecendo e lembrando que estava perdendo todas essas lembranças. O tremor continuava, cada vez mais intenso, mais profundo, no meio, no fim.

DOI: 10.46667/renbio.v19in1.1961

O tremor e a melodia do serrar dão espaço para um rasgo, como um grito que irrompe todo meu tronco. E ali deixei de lembrar de tudo. Senti como se estivesse virando terra e precisava muito deitar, me esparramar, me terrorificar.... E, com um último suspiro, dado no silêncio da motosserra, despenco com meu venoso e arterial daquele esguio que havia me montado por anos... Deitada, pude deixar que meu tronco visse o céu pela primeira vez. O sol queimava e esgotava cada gota d'água que ainda havia no meu corpo. Eu era uma gota de vapor, assim como chão e terra também. Conforme tudo em mim se apagava – até a memória de como e por que eu tinha caído ao chão – senti mãos diversas me arrancarem o que restava. Cada fibra retirada se partia no ar, desaparecendo antes mesmo que pudesse tocar sua ausência. Os pássaros sobrevoavam meu corpo, parecendo entender, menos que eu, do que se tratava tal movimentação. Acabei me esquecendo deles, do voar e dos cantos. E, antes de sentir que daria o último suspiro para o ar, o sol, e a terra que me acolhia, vejo chegar um grande painel, feito com minhas próprias vigas, e sobre elas um papel esticado, impresso e feito às pressas, colados com cola de amido e água.

Eu não sei ler, nunca me ensinaram. Por isso, não sei que mensagem emanava daqueles escritos. Mas, o que sei de pista, antes de esquecer de tudo, é que um “tal de hospital de campanha” estava sendo construído ali, o lugar era dele agora, cada metro, cada grama, cada sombra, cada rocha... Quem será esse novo Deus das pessoas que há de tomar conta de tudo que é espaço? Deveria esquecer deste último momento, mas ele é o que mais demora para ir embora da lembrança. Quem serão esses “campanha”? O que eles fizeram com todos que passavam diariamente por ali? Um dia retornarei a vê-los? E a menina... e o seu acolher do corpo em meu tronco? Nada disso retornará novamente?

E, em uma tarde, depois de tanto agitação, o sol estava indo embora, não havia mais nenhum trabalhador no local, os pássaros escolheram outro ninho para dormir e eu fui me esquecendo... secando... esquecendo... sirenes... silêncio... esquecimento.

## Pós-epidemias

O que fica após as epidemias? O que marca nosso corpo após o contato com esses seres, humanos e mais que humanos, após um longo tempo de interação e relação? O que fica em nós para que possamos pensar sobre a vida, a resistência e a sobrevivência em um mundo em metamorfose?

Ainda, é Lapoujade (2017) que nos faz pensar nessas populações multiespécies que, por muito tempo, fogem as alternativas clássicas de domínio e classificação, criando para si um outro modo de existência. Essas espécies ocupam um lugar no entre o visível e o invisível, o possível e o real, o subjetivo e o objetivo. Gostamos de pensar que tornar essas existências mais próximas, mais juntas, assim como é na vida, é uma oportunidade de oferecer a esses companheiros um outro lugar em nossos dias. Não como uma forma de legitimá-los e torná-los “mais reais”, mas de andar-com, em coletivo, de fazer ver novas formas de relacionar e viver em conjunto no mundo.

DOI: 10.46667/renbio.v19in1.1961

O que fica pós-epidemias, para além dos prontuários, das vacinas, do real; são as marcas que essas relações deixam em nossos corpos. A possibilidade de poder contar histórias a partir dos encontros. As epidemias-multiespécies, para além de relações biológicas e médicas, são encontros criativos, propulsores de criação, de experimentação, e intensificam as realidades de seres que compõem as paisagens conosco.

O desejo é deixar este texto aberto, sem encerramentos ou lições. A proposta é de uma linha de fuga que abra caminhos para novos arranjos de experimentações, de vivências e de encontros com esses parentes estranhos, multiespecíficos e fabulativos que criamos, esbarramos e andamos juntos nesta jornada de vida.

## Referências

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SALES, T. A. Diante do antropoceno: educações para viralizar mundos possíveis. **Revista Criar Educação**, Criciúma, v. 13, n. 3, p. 350-373, 2024. DOI 10.18616/ce.v13i3.8306. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/8306>. Acesso em: 26 nov. 2025.

TSING, A. L. **O cogumelo do fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Ana Luiza Andrade. Brasília: Instituto Socioambiental; São Paulo: n-1 edições, 2023.

TSING, A. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Recebido em outubro de 2025

Aceito em junho de 2026

Revisão gramatical realizada por: Isabela Cazarini do Prado  
E-mail: [isabelacazarini@gmail.com](mailto:isabelacazarini@gmail.com)